



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

HERANÇA SEXUAL E SEUS DOGMAS: REFLEXOS NA SUBJETIVIDADE HUMANA E DINÂMICA SOCIAL

Alberto Engel

Resumo

Esse artigo faz uma reflexão do processo histórico referente à repressão sexual e os reflexos na estrutura biopsicossocial do homem. São evocadas questões políticas, científicas, religiosas e culturais, a fim de contextualizar a influência da repressão moral no comportamento social e individual. Partindo do ponto de vista moralista, a naturalidade biológica do ser humano tornou-se pecaminosa através da história. O discurso postulado pela religião e postergado pela política remeteu os homens a uma nova configuração dinâmica e social de sua vida afetiva. Porém, a natureza do ser humano o constituiu para uma vida prazerosa e sem couraças. Logo, a antítese da libido versus repressão gerou um caos sem precedente. Além da desordem biopsicossocial, existe uma negação ao próprio desejo, impedindo o fluir natural da vida. Sendo assim, o homem deixa de ser humano, tornando-se cada vez mais submisso, doente e confuso em sua própria essência.

Palavras-Chave: Culpa. Moralismo. Repressão Sexual.

De acordo com Reich (1986) o medo e a culpa são as bases da moralidade e tiram a naturalidade da sexualidade, preparando assim, um terreno emocional de perturbações biológicas e sociais. Mas donde provém o medo e a culpa da sexualidade?

Falar de sexo sem ordenar o que é lícito ou ilícito requer antes, um conhecimento histórico da influência do poder religioso e político na dinâmica biopsicossocial do homem e seus resultados na vida do uno e do todo.

O prazer como um grande enigma já movimentou e alimentou muita riqueza e, por conseqüência, gerou distanciamento social, dor e sofrimento. Porém, a biologia do ser humano, foi presenteada pela natureza por formas anatômicas e fisiológicas para produzir e reproduzir prazer através de ondas e impulsos bioenergéticos oriundos do prazer sexual, denominados por Reich como sendo a pulsão vital ou pulsão orgástica. O rompimento bioenergético do fluir orgástico desencadeia diversas perturbações físicas, emocionais e sociais, resultando na chamada couraça muscular.

Para Reich (2004) a couraça muscular se forma a partir da insatisfação libidinal e todas as neuroses resultam dos conflitos emocionais ou rompimentos do padrão bioenergético da gestação à vida adulta. Esses conflitos ficam registrados corporalmente como forma de bloqueio muscular e, no decorrer da vida, a percepção e o sentimento das pessoas encouraçadas torna-se disfuncional.

Ao analisar o princípio histórico da couraça muscular, pode-se observar que na Bíblia existem registros de dor e culpa. Considerado um livro sagrado para os cristãos, é amplamente lido em todo o mundo, influenciando diretamente a moral de seus seguidores. Neste livro, o tema "sexo" é um tabu. Basta folhar suas primeiras folhas para compreender como é negada a naturalidade do sexo e as pulsões vitais em detrimento da culpa moral. No livro de Gênesis, o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

culpa começa quando Eva é persuadida pela serpente a comer a maçã do pecado. Para a psicanálise, a serpente representa um símbolo fálico. Logo, é possível supor que o princípio dos problemas morais registrados na Bíblia, começa quando Eva cria um enlace afetivo condenado e reprimido pela moral de sua época. Inclusive, é a partir desse registro bíblico, que a dor e o sofrimento instauram-se no ser humano bem como em toda humanidade. Mas a pergunta é: qual o interesse da época em impor uma culpa dentro visando delimitar padrões éticos?

De acordo com Reich (1986), algumas vertentes da Igreja, política, justiça e a ciência, usaram-se desse tabu (o sexo) para dirigir e controlar a massa social, fazendo-se acreditar que as relações sexuais não deveriam existir sem a vontade da procriação. Foucault (1999) contribui para essa análise dizendo que a sexualidade é o correlato de práticas discursivas e não necessariamente a sua representação. Logo é confundida pela ideologia, induzindo exigências funcionais do discurso, a fim de coligir a sua verdade.

É possível supor que desde então, o sexo e a sexualidade deixaram de fluir naturalmente para serem direcionado ou ditado por interesses institucionais, regrado não apenas uma energia inerente do ser humano – a libido, mas toda a história social do homem em forma de moralidade, pecado, dor, punição, culpa e guerras.

Goellner (2005), psicóloga social e pesquisadora contemporânea das relações de gênero e sexualidade, argumenta que o corpo é provisório, mutável e suscetível a inúmeras influências científicas, culturais e tecnológicas, criando representações que atuam sobre os corpos e assim definindo discursos que ele produz e principalmente reproduz. Essas representações citadas pela pesquisadora contemporânea, estão de acordo com a tese defendida por Wilhelm Reich há quase um século, sobre a formação das couraças musculares em seu livro “A função do orgasmo”.

Dentro desse contexto, ninguém sabe ao certo quando a disfunção social e conseqüentemente individual teve início. Mas possivelmente, a ideologia moralista facilitou o processo de encorajamento humano. Ou mesmo, o encorajamento pode ter sido resultado da evolução social em decorrência de inúmeros outros fatores. Em última instância, o encorajamento é o resultado de práticas morais discursivas. Logo, a moralidade foi usada para obter ou impor poder sobre os seres humanos. Possivelmente os pensadores que efetivaram a moral na sociedade, foram notórios em perceber o quão importante é o sexo para a manutenção vital do homem. A pergunta que se faz é: quem foi concebido sem sexo? Desde então, o poder vigente obteve vantagens do homem sobre o próprio homem, postulando o pecado original. E deste pecado, qualquer mortal que ousasse se opor às suas regras, poderia sofrer repressões sociais, políticas e principalmente psicológicas. Por outro lado, aceitar a imposição dessa moral era negar o sentimento do próprio corpo, a pulsão vital e sinalizando assim, a primeira forma de ambigüidade incoerente da energia vital.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

Outro denso caminho postulado pela moral religiosa e política foi o ato de polarizar o princípio da culpa na mulher, fragilizando-a. Para isso, elegeram-na como responsável pelo pecado original, impondo a ela o dolo pelo caos bioenergético social e individual.

Provavelmente, esta culpa se alega à mulher, por ser ela o ventre do mundo. A essa consequência, impuseram condições e delimitaram fazeres. Os resultados foram catastróficos. O caos e as guerras tornaram-se rotinas e estratégias de poder. A dor e o desespero foram e, em alguns casos ainda são tidos como punição dos deuses, fazendo com que a sociedade oscile entre a neurose e a psicose. Neste caso, as pessoas esqueceram ou deixaram de perceber que tudo começa com uma repressão e não necessariamente com o berço materno - o útero – mas talvez, uma repressão que essa mãe sofreu estando grávida, projetando ou transpassando para o feto.

Ao analisar uma gestação, onde o feto é simbiótico à mãe, a repressão energética influenciará na couraça muscular do bebê, sucessivamente e indefinidamente através das gerações. Essa condição coincidiu com uma passagem bíblica do castigo eterno após Eva ingerir a maçã do pecado. Nessa analogia, talvez a maçã apenas simbolize uma culpa pela transgressão moral, representando o útero frutificado pela transgressão dos valores aceitos na época. Para Volpi e Volpi (2003) a culpa é o resultado da história social, da vida inconsciente, da hereditariedade, da matéria viva e em especial, da existência cósmica que evoca a natureza pecadora do homem.

Por outro lado, no decorrer da história os valores morais sofreram adaptações, mudanças. Entre essas mudanças, o valor social do próprio homem. Neste viés, o homem deixa de ser visto como parte integrante e responsável pela sanidade e manutenção social e passa a ser visto como percentual de lucratividade. Junto com esse novo valor, eclodiu do submundo inconsciente, o que por séculos estava preso e sufocado nos grilhões da moralidade. E Assim nasce uma riquíssima indústria pornográfica que se aproveitou da força sexual represada ao longo da história, afim de também obter poder. Nesse sentido encontra-se no mercado de consumo, uma poderosa estrutura mercadológica do sexo, que gera milhões de lucro anualmente. Para Silva (2007, p. 55) “O modo de produção é reproduzido e mantido pela superestrutura ideológica de modo que, na transformação da sexualidade em mercadoria, estabeleceu-se a prostituição e o mercado do sexo”.

Em ambos os casos, tanto a vulgarização sexual como a negação sexual usaram a repressão moral para obter poder e, por consequência, dor e sofrimento. De acordo com Nietzsche (2000) o poder dá direito e não há direito que não seja acompanhado de arrogância, usurpação e violência.

Mas, aonde chegamos? Segundo Reich (2001) a nossa época é uma época doente, pois o instinto voltou-se contra si próprio, e na dicotomia criada pela moralidade, o sexo tornou-se



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

pecado contra seu criador. No ser humano, ou domina o espírito ou o instinto, sendo a moral o separador das águas. Disse Nietzsche (2000) que,

Quando se rema, não é o remar que move o navio, mas remar é somente um cerimonial mágico pelo qual se força um demônio a mover o navio. Todas as doenças, a própria morte, são resultados de intervenções mágicas; no adoecer e morrer, as coisas nunca se passam naturalmente... o homem é a regra, a natureza o desregramento (p. 79-80).

O desregramento natural da natureza humana suscitou um sentimento de impotência, medo, hostilidade e culpa, polarizando o uno em uma dualidade (bem e mal; Deus e diabo). E desta dualidade, uma sociedade neurótica que se bifurca em rigidez e flexibilidade, paz e guerra, competição e fraternidade. São poucos os que vêem o mau como ausência do bem, como postulou Reich em sua teoria da couraça muscular. Nesse sentido, Silva (2007) refere-se à sociedade como vítima e agressora, fruto do distúrbio causado pela moralidade, tendo como resultado a perversidade, a exclusão e a violência.

Em seus argumentos, Reich (2001) delinea um discurso sobre a condição social, dizendo que a dor e miséria humana é fruto do desregramento natural, da alienação dos sentidos. Em seu livro "A psicologia de massas do fascismo", diz que o homem criado pela autoridade e por ela tolhida fica inerente as leis biológicas de seu próprio corpo, ausentando-se de sua autoconfiança, tem medo de sua sexualidade, pois esqueceu a naturalidade. Sendo assim, declina de toda responsabilidade por seus atos, exigindo ser dirigido e manobrado.

Basta observar o alienamento que se encontram os adolescentes. Fase conhecida cientificamente pela fase de transição de papéis, ocorre um antagonismo de forças. A força biológica contrapondo-se a social. Logo, o que era pra ser simplesmente um estágio de desenvolvimento humano, acaba perdendo-se em vários embustes. Volpi e Volpi (2002) relatam que as etapas de um desenvolvimento psico-afetivo representam momentos de passagem que induzem à incorporação de experiências e determinam o início e o término de uma antiga etapa à sucessiva. Neste caso, o adolescente deveria estar iniciando uma vida de adulto harmônica, humana e humanitária, respeitando e sendo respeitado. Porém, o adolescente se vê em um sinuoso labirinto, onde as saídas são de difícil escolha e os caminhos, além de incertos, estão cheios de surpresas, aventuras, medos e culpas.

Outro fator importante a ser observado, é que a atividade sexual do adolescente encontra-se em plena ascensão biológica, pois é a partir dessa época o corpo está pronto para se reproduzir. Neste caso, a sociedade não tem políticas adequadas que informem aos adolescentes, as mudanças e os prazeres que o corpo oferece nesta fazer. Em contrapartida, divulgam na mídia e nas escolas apenas as responsabilidades do uso desses prazeres, deixando a cargo dos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

próprios adolescentes a descoberta dos prazeres. Nesse sentido, a moral ainda não está madura para permitir explanar com responsabilidade o prazer no sexo. De acordo com Volpi e Volpi (2002), se os impulsos naturais em cada fase forem frustrados ou reprimidos de forma severa, bloqueios se constituirão, e como resultado, ocorrerá uma fixação da energia nessa etapa, deixando registros neuróticos que serão incorporados ao caráter do adolescente e à sociedade sucessivamente, bem como às gerações futuras.

Mas, o que fazer? Pequenos movimentos, como réstias de luz, buscam resgatar a naturalidade da vida, do sexo e da sexualidade, além da liberdade pela opção sexual e a equidade em relação ao gênero. Nesse sentido, Bandeira (1999) diz que as dimensões sociais e culturais delineiam as personalidades, as atitudes e os comportamentos, definindo emoções e representações sobre os corpos. Embora forças atuem para resgatar a saúde e o bem estar do homem nesse emaranhado de culpa moral, ainda há um oceano histórico de condutas e couraças a ser superado acerca da pulsão vital e da sexualidade.

Segundo Belinguer (1996) "Saúde é uma condição de equilíbrio ativo entre o ser humano e seu ambiente natural, familiar e social" e equilíbrio quer dizer igualdade, solidariedade, liberdade de escolha, de expressão e principalmente, respeito pelo próximo e por si mesmo. Vigotski (1996) indica que a tarefa fundamental da psicologia consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo e em saber considerar o processo psíquico no limites orgânicos do sentir e do agir.

Nesse contexto, a psicologia reichiana é fundamental para resgatar a naturalidade vital e restabelecer o equilíbrio na dinâmica social, uma vez que essa abordagem conhece profundamente as entranhas morais e éticas que movem o homem no terreno árido de seu encouraçamento, a fim de libertá-lo dos grilhões que aprisionam sua naturalidade.

Porém, não se pode omitir o fato de a moralidade ter implicado no grande avanço da evolução social e histórica do homem, nem se ausentar da responsabilidade pelo caos que o mundo se encontra. Basta lembrar que cada ação existe uma reação e não importa a cor, sexo ou religião de cada um, importa sim o que cada um faz para mudar a si mesmo, tornando-se capaz e auto-suficiente de não julgar. Mas, compreender que é da própria atitude, gesto ou palavra que se é possível viver em um mundo melhor para si e para os outros.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. Relações de gênero corpo e sexualidade. In: Galvão, L e Diaz, J (Org). **Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil**. São Paulo: Editora HUCITEC: 1999

BELINGUER, G. **Ética da Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1996

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade do saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ENGEL, Alberto. **Herança sexual e seus dogmas: reflexos na subjetividade humana e dinâmica social**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L; Felipe, J. e Goellner S. V. (Org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005

NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000

REICH, Wilhelm. **O Combate Sexual da Juventude**. São Paulo: Epopéia, 1986

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

SILVA, M. C. B. A influência da estrutura social na formação do caráter. In: VOLPI, J, H; VOLPI, S, M (Org). **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2007, vol. 8

VIGOTSKI, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002

VOLPI, J. H; VOLPI, S. M. **Reich: da vejetoterapia à descoberta da energia orgone**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003

Alberto Engel - Graduado em Psicologia pela UNIPLAC – Universidade do Planalto Catarinense. Cursando Especialização em Psicoterapia Corporal Reichiana, no Centro Reichiano, Curitiba/PR.
E-mail: albertoengel@hotmail.com

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Pref. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 / www.centroreichiano.com.br / centroreichiano@centroreichiano.com.br